

XENYA DE AGUIAR BUCCHIONI

A MÍDIA E O GOLPE DE 1964: APOIO ANTES, DURANTE E DEPOIS

*LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y
EL APOIO AL GOLPE DE 1964*

MEDIA'S SUPPORT TO 1964 BRAZILIAN COUP

Recebido em: 30 out. 2014

Aceito em: 8 mar. 2015

Xenya de Aguiar Bucchioni: Universidade Federal de Pernambuco (Recife-PE, Brasil)
Jornalista graduada na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e mestre em Comunicação Midiática, pela mesma instituição. Atualmente é doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Contato: xenya.aguiar@gmail.com

ISSN (2236-8000)

resenha

RESENHA DE:

SILVA, Juremir Machado da. **Golpe midiático-civil-militar**. Porto Alegre: Sulinas, 2014, 159 p. ISBN: 978-85-205-0701-8

Nos marcos do aniversário de 50 anos do golpe civil-militar, lançar uma publicação para acentuar a participação da mídia neste episódio da história do Brasil não é simples tarefa. Para muitos que examinam esta relação feita de teias, muitas vezes, invisíveis, a palavra resistência pode se sobressair em heroísmos e terminar por omitir o que o livro de Juremir Machado da Silva se propõem a revelar: “fazer vir à tona o que se esconde sob a poeira das frases do passado” (SILVA, 2014: 9). Isto é, que o golpe civil-militar responsável por depor o presidente João Goulart, no dia 1º de abril de 1964, foi também midiático.

Ao longo do livro, o autor percorre o caminho trilhado pela mídia, entre 1961 e 1964, para a construção de um clima favorável à ação dos militares. Sua atenção recai especialmente aos grandes jornais do eixo Rio de Janeiro-São Paulo: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa* e *Correio da Manhã*. Além de recuperar alguns editoriais marcantes do período, há também a preocupação de localizar e demonstrar o papel-chave de alguns colunistas na produção e disseminação do imaginário do medo e da legitimação necessária ao projeto de derrubada de Jango. Figuram nesta lista personagens conhecidas como, por exemplo, os jornalistas Carlos Heitor Cony e Alberto Dines que, se hoje se posicionam contrariamente ao saldo daquele período, naqueles tempos endossaram a intervenção militar. Soma-se a essa lista Antonio Callado, conhecido pela narrativa engajada de seu romance *Quarup*, publicado na segunda metade do século XX, e Carlos Castello Branco, um fervoroso defensor do regime, sobretudo durante os “anos de chumbo” do governo Médici (1969-1974).

Por meio da seleção de trechos dos artigos assinados por estes colunistas, a análise empreendida retoma o conceito de “intelectuais orgânicos” postulado por Antônio Gramsci, localizando as formulações levadas a cabo para desqualificar Jango sob a ótica do funcionamento midiático em sua relação de representação de um projeto de classe – neste caso, da classe do empresariado da modernização em oposição ao nacionalismo trabalhista. A obra lança luz, portanto, ao caráter formador ou construtor de hegemonia desempenhado pela mídia, permitindo-nos visualizar os indícios das ideologias em disputa no período em questão.

Do olhar apurado à atuação dos colunistas, há a reflexão sobre o modo ambíguo com o qual jogavam com as palavras utilizadas: ora para transformar o golpe em contragolpe, ou a ilegalidade em falsa legalidade. Afinal de contas, conforme a pesquisa feita pelo IBOPE¹ às vésperas do golpe, ao ser retirado do poder, Jango contava com uma aprovação de 76% dos entrevistados. “Em sete capitais brasileiras, ele possuía mais apoio do que rejeição” (SILVA, 2014: 31).

Nesse sentido, ao se debruçar sobre a mídia na formatação do olhar público e na determinação da agenda social daquele momento, o livro pontua as oscilações do discurso verificadas no período. Discursos estes que chegaram ao cúmulo de tratar a limitação física na perna esquerda do então presidente como falha de caráter (SILVA, 2014: 73).

¹ As sondagens não foram reveladas à época e permaneceram desconhecidas por 40 anos até serem doadas à Universidade de Campinas (Unicamp), em 2003. Os números levantados mostram que Jango teria uma boa margem de votos para vencer as eleições do ano seguinte se elas tivessem ocorrido.

Assim como assinala blocos de apoio ao regime militar mais coerentes, representados pelos jornais *O Globo*, *O Estado de S.Paulo* e a *Tribuna da Imprensa*, que já haviam se posicionado contrários à posse de Jango, em 1961, o autor também destaca os casos de arrependimento com a evolução da ditadura, sobretudo após a promulgação do AI-5, em 1968, e o acirramento da prática de censura. Estes, no entanto, serviriam depois para as narrativas de autoglorificação – ou de apagamento dos rastros de colaboracionismo – tendo em vista que o discurso conservador e golpista tomou conta de praticamente toda a grande imprensa. Como exceção a esta linha, Juremir Machado localiza o jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer que, ao assumir o caráter de oposição aberta, é depredado às vésperas do Golpe.

Na opção por acompanhar o movimento da mídia de modo não-linear, o autor assume os meandros das continuidades, rupturas e rearranjos nos quais sublinha uma importante observação: a de que a mídia disse “sim” ao golpe três vezes – antes, durante e depois.

O ponto crucial para tal afirmativa parte do entendimento de que muitos daqueles que são lembrados como heróis da resistência – sejam profissionais da mídia ou a própria mídia – podem ter dito sim ao golpe e não à ditadura. Esta distinção insere-se na esteira das muitas ambiguidades do período, pois o que não falta ao livro são exemplos de artigos assinados em que os limites da contestação e do apoio ao golpe (inclusive ao longo do regime) mostraram-se muito tênues. Frestas que oferecem a possibilidade de entender a ditadura como uma espécie de mal necessário ao surgimento da democracia e colocam o jornalismo no incômodo banco dos réus – ainda que não o tenhamos formado concretamente, à diferença de países como o Chile, a Argentina e o Uruguai.

Como nos lembra o autor, a mídia não escreve apenas a história do seu tempo, mas sobretudo reescreve a sua história no tempo (SILVA, 2014). Isto nos faz retornar novamente aos 50 anos do Golpe, cravados em 2014, e à maneira costumeira como os relatos vindos da imprensa trataram de elaborar, justamente, o seu papel de resistência ao regime. Uma aposta no esquecimento. A ausência de qualquer pedido de desculpa ou *mea-culpa*.